



## A INFLUÊNCIA DO MODELO GREGO DE EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO ROMANO E A FÁBULA COMO INSTRUMENTO DE INSTRUÇÃO.

Ohana Gabi Marçal dos Passos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar a influência clássica grega no que tange à educação no Império Romano, bem como destacar a importância de Esopo, conhecido como pai do gênero fabulístico, para autores posteriores, servindo como fonte de inspiração. Fedro, fabulista romano, influenciado por Esopo, deu continuidade ao gênero, mencionando seu mentor, porém preocupou-se em exprimir sua própria identidade em suas produções.

**Abstract:** This article aims to present the classical Greek influence with regards to education in the Roman Empire, as well as to highlight the importance of Aesop, known as the father of the fable's genre, for later authors, serving as a source of inspiration. Phaedrus, a Roman fabulist, influenced by Aesop, continued the genre. He mentioned his mentor, but was concerned with expressing his own identity in his productions.

**Palavras-chave:** Grego; Roma; Esopo

**Keywords:** Greek; Rome; Aesop

<sup>1</sup> Graduação e Licenciatura em Letras Português/Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e cursando o Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cursando pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Famart.

<http://lattes.cnpq.br/0224442947288253>

E-mail: [fraupassos@gmail.com](mailto:fraupassos@gmail.com)





## O início da cultura ocidental

É com Homero que recebemos o *start* da cultura ocidental. É a partir dele que apropriamo-nos, portanto, da indagação de Marcel Detienne (2014, p.7) e também de sua afirmação concisa: “por que a Grécia? Por que os gregos? Porque os gregos, antes de tudo, tiveram o gosto pelo universal, inventaram a liberdade, a filosofia, a democracia, estão na origem do ‘próprio espírito de nossa civilização ocidental’ etc”. A Grécia, bem como explicita Werner Jaeger (2013, p.3), “representa um progresso fundamental, um novo ‘estádio’ em tudo o que se refere à vida dos homens em comunidade”. Em sua perspectiva, “por mais elevadas que julgemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos”. Isso não está atrelado apenas, segundo o autor, ao sentido temporal, mas também ao que tange à origem ou fonte espiritual.

O conhecimento da literatura grega existente no hemisfério ocidental minguou com o fim da estrutura política do Império Romano, em 476 d. C. Após quase, aproximadamente mil anos, até mesmo a Bíblia passou a ser lida na tradução latina de Jerônimo (iniciada em 380 d.C.). Todavia, os gregos, segundo Jones (2013, p. 44), continuaram a ler e copiar no Império Romano do Oriente, em Constantinopla (atual Istambul), que, na época, era quase totalmente habitada por grecófonos. Contudo, quando a cidade passou a ser ameaçada pelos turcos otomanos, a partir do século XII d. C., os eruditos fugiram para o oeste com seus manuscritos. Isso justifica o fato de a literatura grega ter sobrevivido até hoje. Foi aproximadamente nessa época que a Europa Ocidental tomou conhecimento de Homero. Muitos autores romanos o mencionavam com frequência, como é o caso de Virgílio em sua obra *Eneida*.

Em grande parte, a Europa Ocidental já conhecia Homero de ouvir falar, principalmente através da literatura latina. Todavia, o período de retorno dos gregos com suas obras foi de grande valia para os eruditos da Itália. Jones (2013, p. 45) afirma que uma data conveniente para marcar o retorno de Homero ao Ocidente é o ano de 1354, “quando Petrarca adquiriu de Nicolas Sigeros, um grego envolvido na unificação das igrejas ocidental e oriental, um manuscrito contendo os dois épicos homéricos”.

Mesmo não tendo se constituído como império unificado, a Grécia foi responsável por grande parte dos valores ocidentais, pela construção do saber, da mitologia e, principalmente, da filosofia. Os gregos inovaram o mundo ocidental, sobretudo, porque souberam identificar e valorizar a cultura, a tradição, a literatura e a educação. Todos





esses termos são utilizados no mundo moderno com o intuito de tentar explicar o antigo conceito de *paideia*. Segundo Werner Jaeger (2013, p. XVIII-XXI), *paideia* é a única designação exata do tema histórico nela estudado. O termo grego exprime uma criação grega, a qual contempla o homem grego, não o moderno. Nenhuma delas, para o autor, consegue definir exatamente o que os gregos entendiam por *paideia*.

Segundo Viktor D. Salis<sup>2</sup> (2019), os gregos concebiam a educação como formação dos homens em excelência, valendo-se da verdade e da virtude. Para o homem moderno, a educação está atrelada ao acúmulo de conhecimentos, em geral. Segundo Sócrates, o acúmulo de conhecimento não era importante para o homem arcaico, pois o filósofo entendia que aquele vinha gradativamente com o tempo.

Dessa forma, para o grego, Salis acrescenta que a virtude era, primeiramente, a capacidade de conhecer a si próprio. Posto isso, o segundo passo seria o conhecimento do outro, importante para a noção de diversidade, vitória sobre o egoísmo e ir até o outro para dar algo de si. Em terceiro lugar, o grego reconhecia a importância da honra e da dignidade. A honra não estava ligada a preceitos morais, mas à arte de preservar a vida no seu desenrolar (nascimento, percurso e morte). Manter a honra exigia esforço e sacrifício, portanto, gerava sofrimento. A arte de se desnudar é o ponto central da *paideia*, pois está atrelada à revelação da verdade, conseqüentemente, da virtude. Nos ginásios gregos, os homens aprendiam a se desnudar e, portanto, a aparência devia se tornar a essência, sem acessórios, sem mentiras, somente a verdade. Somando-se a isso, a dignidade tornava-se um tema de bastaste relevância, pois se tratava da consciência do valor próprio e reconhecimento público.

### **O mito como instrumento pedagógico**

Platão, ao falar sobre justiça, conclui sua obra *A República*, livro X, tomando a atividade educativa através da mitologia como um processo de reminiscência de memórias, sendo responsável por rememorar ideias ou fatos que foram olvidados pela alma quando encarnada no corpo, e isso ocorre, porque o mito explicita o funcionamento imagético. Tal fato só é possível, segundo Platão, devido à imortalidade da alma. Para o filósofo, o mito era utilizado como instrumento pedagógico, essencial para a consolidação das bases da formação dos jovens atenienses. Tratava-se de uma verdade acreditada e inquestionável, que conduzia para um código moral, no qual constavam os ensinamentos

---

<sup>2</sup> Audiolivro: *Paideia, A Arte de Formar os Homens*. Disponível em <https://www.universidadefalada.com.br/paideia-a-arte-de-formar-os-homens-audio-livro-mp3.html>.





sobre o certo e o errado, o bom e o mau, dentre outros pares dicotômicos importantes e práticos para a vida. É importante ressaltar que o mito não possuía apenas uma finalidade de conduzir o homem às regras de boa conduta, mas também de explicitar alguns argumentos que a racionalidade era incapaz de refutar. Platão valeu-se da persuasão literária para transmitir sua compreensão sobre justiça através da mitologia, tendo em vista a grande aceitação desse modo de pensamento ilustrativo e fantástico – no que tange ao imaginário – em sua época.

Aproveitando, portanto, seu contexto mítico, religioso e imagético, Platão faz uso do mito para concluir sua obra, reforçando a ideia de se prezar pela vida justa e abdicar de hábitos viciosos. Ao escrever sobre o mito de Her (ainda no livro X de *A República*), no qual encontramos um paralelismo literário com Homero, ao se referir à antiga crença helenística no Hades (mundo dos mortos), Platão aproveitou-se da aceitação popular em sua época por esse tipo de crença proveniente de Homero, para argumentar sobre a importância de se viver uma vida justa.

Her, da tribo dos panfilianos, retorna do mundo dos mortos como mensageiro, relatando o que vira no além. O mito trata do resultado de escolhas injustas e justas após a morte. “Para cada um dos atos injustos que tinham cometido e para cada uma das pessoas que tinham prejudicado, eram punidos dez vezes, uma vez em cada século de sua jornada” (PLATÃO, 2014, p. 615a). Já aqueles que “tinham se tornado justos e religiosos eram recompensados de acordo com a mesma medida”. *Grosso modo*, segundo a nota de Edson Bini (2014, p. 425), Platão descreve aqui a doutrina do carma.

### **A influência da educação grega na sociedade romana.**

Segundo Norma Musco Mendes (2009, p. 28), o Império Romano representou uma experiência observável de interação cultural sobre uma vasta área territorial, como nunca antes vista, simbolizando uma ordem mundial fundamentada em configurações jurídico-políticas e morais concebidas como eternas e necessárias para garantir a paz e a justiça. Ele cristalizou sua imagem de superioridade cultural e de “missão civilizatória” principalmente sobre o Ocidente, servindo aos interesses nacionalistas e imperialistas dos Estados europeus modernos.

Muitas vezes, as abordagens construídas a partir dos séculos XIX e XX passam-nos a imagem de uma ação imperialista romana cêntrica, descritiva e unilateral, sem se preocupar com o papel das comunidades dominadas e com a diversidade de situações regionais surgidas como resposta ao impacto da dominação romana. O Império Romano





não foi, segundo a autora, de forma alguma, uma entidade política homogênea e estática. Ele deve ser compreendido como uma construção que foi usada para unir e dar simbolicamente sentido e coerência a numerosas experiências.

Pensando nas inúmeras comunidades dominadas e na diversidade surgida nesse impacto, verificamos que a Grécia, apesar de ter sido belicamente dominada pelo Império Romano, não deixou que sua cultura, fortemente fundamentada em suas práticas culturais, se esvaísse. Não só a mitologia, mas a própria filosofia, segundo José Almeida (2015, p. 23), adquiriu grande espaço em Roma, a qual, no século II a. C., já demonstrava a necessidade de uma educação filosófica. Para tanto, os aristocratas romanos traziam professores particulares gregos para sua cidade. No século seguinte, o ensino da filosofia grega já fazia parte da educação de todo romano, que pretendia situar-se em um patamar mais elevado. Jovens da elite romana viajavam também para a Grécia, em uma espécie de viagem de formação, na qual visavam os centros culturais gregos. Por motivos como estes, Werner Jaeger (2013, p.5) afirma que “Augusto concebeu a missão do Império Romano em função da ideia de cultura grega. Sem a concepção grega de cultura não teria existido a ‘Antiguidade’ como unidade histórica, nem o ‘mundo da cultura’ ocidental”.

Em termos de educação pública, Roma, apesar de seu longo período de República, não adotou uma política propriamente dita como fizera Atenas. Assim como a filosofia, outros aspectos do helenismo foram também incorporados à cultura romana, porém o mesmo não aconteceu em relação ao tratamento que a educação recebia pelos gregos. A educação era um assunto de grande interesse para a *pólis*, enquanto que, em Roma, essa responsabilidade era atribuída à família. O advento do Império proporcionou gradativamente uma nova atitude romana em relação à educação, a qual se dispôs a superar o arcaísmo, adequando-se aos novos tempos. Antes do período imperial, os líderes políticos não se preocuparam em criar um sistema estatal para a educação. Durante o Império, surgiu um interesse da parte do Estado a respeito do assunto, o qual, porém, não envolvia nenhuma espécie de financiamento. Dessa forma, o Estado passou a subvencionar e encorajar a educação privada.

É importante lembrar que, na Grécia, a partir do período helenístico, o Estado passa a supervisionar as instituições de ensino, sem se comprometer com os encargos econômicos atrelados. Pedia-se uma contribuição financeira a quem pudesse ajudar.

Sabemos, portanto, que a educação romana, em fins do período republicano e início do Império, foi inspirada no modelo educacional da Grécia. Não havia um único modelo de ensino, o que explica a diversidade de escolas: pitagórica, órfica, alexandrina, dentre outras. Era difícil conceber um modelo que atendesse as expectativas de todos e





não gerasse controvérsias. Tal situação não foi diferente em Roma.

Inicialmente, os romanos preocupavam-se em difundir os costumes de seus ancestrais, como forma de valorização e manutenção de sua cultura. Os mestres orientavam seus jovens discípulos a seguirem com respeito o *mos maiorum*, ensinando a importância de observá-lo como código de conduta.

O primeiro contato com a educação ocorria no interior da família, dentro da qual as primeiras instruções eram transmitidas primeiramente pela mãe. Quando as crianças completavam sete anos, a responsabilidade de educar passava a ser do pai, que era visto como educador. A educação da menina e do menino dava-se de modo distinto. Enquanto as meninas permaneciam aos cuidados das mães, com o objetivo de aprender suas tarefas no ambiente doméstico e outras possíveis informações, os meninos seguiam seus pais. Desde cedo frequentavam as cúrias e já eram preparados para exercer futuramente seu papel na sociedade romana.

De modo semelhante ao que ocorria na Grécia, em Roma o ensino escolar, como afirma MARROU (1975, p. 412), dava-se por meio de três tipos de escolas que eram confiadas a três mestres especializados. Aos sete anos, portanto, a criança entra na escola primária, saindo por volta dos onze ou doze anos para a escola do *grammaticus*. Quando recebe a toga branca, geralmente aos quinze anos, o jovem passa para o ensino retórico, que costumava durar até os vinte anos de idade, embora pudesse ser estendido.

A toga branca possuía grande significado, pois representava um novo passo na vida do menino. Após a cerimônia de passagem – mudança da condição de criança para início na vida adulta – o jovem deixava sua toga bordada no tom de púrpura, assim como outros símbolos relativos à infância, e passava a vestir a toga branca, significando que, a partir daquele momento, este jovem se tornava cidadão. Seus estudos continuavam por mais um ano, período no qual ainda aprendia sobre as questões da vida pública, antes de ingressar no exército. Era comum que algum antigo amigo da família, que participasse da política, ministrasse esse tipo de instrução.

Assim como ocorrera na Grécia, o ensino secundário deixou de ser suficiente também em Roma frente às demandas socioculturais, resultando na necessidade de criação de um ensino superior terciário, durante o período final da República e o início do Império. Sobre isso, Larroyo (1970, p. 220) afirma que:

Passo a passo, com as mudanças históricas, a cultura grega continua impondo-se em todos os aspectos da vida romana. O efeito mais visível de tudo isto se revela no nascimento de um novo tipo de escola. Já não era suficiente para muitos a formação encíclica secundária. Como outrora na Grécia, sentiu-se a necessidade de um ensino superior terciário.





Podemos dizer, portanto, que, seguindo os moldes da educação grega, o ensino na Roma Antiga se constituía de três fases: Primário, Secundário e Superior. O que realmente determinava a participação em um desses períodos era realmente o patamar socioeconômico, mais do que, por exemplo, a diferença entre homem ou mulher. Durante o Primário, as crianças eram instruídas por um *magister*. No caminho para a escola, as crianças – tanto meninos quanto meninas – eram conduzidas pelo *paedagogus*, normalmente um escravo eleito, que era capaz de contribuir para o crescimento moral e intelectual das crianças. O ensino Secundário era ministrado por um *grammaticus*, como anteriormente dito. Durante esse período, eram lidos autores clássicos e as crianças faziam exercícios preparatórios, que introduziam o aprendizado da eloquência: fábulas, sentenças (MARROU, 1975, p. 435), etc. Por fim, o ensino Superior estava direcionado para a arte da Oratória e tinha como preceptor o *rhetor*.

O ensino inicial direcionava-se para a aprendizagem de matemática e elementos básicos da gramática latina, além do aprendizado da língua grega. Os ensinamentos Secundário e Superior destinavam-se à composição literária: métrica, gramática e literatura. Cabia somente ao ensino Superior preparar os discípulos para a atuação na vida pública e no tribunal por meio do desenvolvimento da eloquência.

Da mesma forma que a filosofia, a educação, a mitologia e outros aspectos da cultura grega influenciaram a sociedade romana, o mesmo ocorreu no âmbito literário. Esopo, considerado o pai das fábulas para o mundo ocidental, exerceu forte influência em autores como Fedro, que desenvolveu seu próprio estilo, porém bebendo da clássica fonte grega.

No prólogo II do livro de Fedro (2015, p. 55), o fabulista romano refere-se a Esopo como “velho”, afirmando que conservará seu costume, mas sem deixar de inserir elementos novos. O termo utilizado por Fedro é, segundo Vieira, uma forma de emulação a seu predecessor.

### **Esopo, o pai do gênero fabulístico**

Afirmar com veemência a respeito da origem da fábula é, segundo Ana Thereza Basílio Vieira (2015), uma tarefa difícil, mas tudo leva a crer, de acordo com a maioria dos estudiosos, que seu berço teria sido o Oriente e que os primeiros textos comprovados seriam de origem grega.

Esopo é considerado o pai das fábulas gregas, criador do gênero fabulístico, apesar





da existência de outros autores orientais, anteriores a ele, do mesmo gênero, como Cibisso da Líbia e Alcmeão de Crotona, dentre outros, os quais foram infelizmente apenas nominalmente citados em algumas obras, sem deixar nenhum registro escrito. Por esse motivo, muitos estudiosos atribuem a origem das fábulas ao Oriente, mas é certo que os primeiros textos comprovados foram encontrados na Grécia.

Para Vivian de Azevedo Garcia Salema, em seu artigo *O discurso das fábulas de Fedro*, a origem da fábula deu-se na Pré-história. Sem determinar a data exata do seu aparecimento, contudo, ela considera que esse tipo de narrativa surgira em terras helênicas, sendo Esopo, portanto, seu maior representante. A autora afirma que a fábula é considerada uma das primeiras manifestações literárias narrativas transmitidas oralmente, uma vez que a escrita ainda não tinha sido inventada. Seu público alvo eram os adultos e seu propósito a sua instrução.

Cada sociedade produz fábulas com características culturais próprias, havendo diferenças relacionadas ao modo de organização do texto ou relativas aos temas articulação/construção/estruturação, girando em torno de uma mesma prática discursiva, assim possibilitando-nos que as classifiquemos como fábulas. Sendo assim, para abrigar uma variedade de textos rotulados pelo mundo ocidental como fábula, Celeste Dezotti propõe uma definição que contempla sua essência: “fábula é todo ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional” (2018, p.24). Dessa forma, o narrar torna-se o meio de expressão do dizer, estando a serviço dos mais variados atos de fala: mostrar, censurar, exortar, aconselhar etc. Esse modo simples da construção da fábula e a maleabilidade de sua forma, segundo ela, talvez expliquem sua popularidade e resistência ao longo do tempo, além de permitir incorporar novos repertórios de narrativas, ajustando-os às diferentes épocas.

Em sua obra, a autora cita os estudos de Alceu Dias Lima (1984) e considera seu resultado como o melhor modelo teórico para a análise de fábulas e gêneros afins, como a parábola e o apólogo. Para ele, as fábulas esópicas são um discurso, um ato de fala que se realiza pela articulação de três discursos: um discurso narrativo, um interpretativo ou moral, e um metalinguístico. As fábulas de Esopo seguem, em geral, uma mesma estrutura. Normalmente, o texto apresenta dois parágrafos, trazendo no primeiro a narrativa e, no segundo, o que os antigos retores denominavam *epimítio*, assim denominado porque vem depois da narrativa (*mythos*). O texto do *epimítio* é constituído de duas porções: uma interpretação da narrativa (Exemplo: “junto daqueles cujo propósito é praticar a injustiça, nem uma justa defesa prevalece”) e uma porção que informa a ação que o enunciador da fábula está realizando (Exemplo: “a fábula mostra...”). Dessa forma,





chamamos o texto interpretativo de moral; ao texto que informa o ato de fala denominamos metalinguístico.

O gênero fabulístico permite que se criem inúmeras possibilidades de estruturação discursiva e sua prática constituía, segundo Dezotti, um expediente discursivo bastante popular. As fábulas estavam presentes nas falas de pessoas de qualquer situação social possível, fossem príncipes, reis, heróis ou pessoas do povo, e eram aplicadas a uma situação particular. A mensagem passada por elas é interpretada de acordo com orientações apontadas tanto na própria enunciação ou expressas em textos metalinguísticos que poderiam preceder a narrativa, em forma de *promítio*, quanto posterior a ela, como vimos, em forma de *epimítio*. Tal característica aparecia com frequência nas fábulas de Fedro, que tinham suas narrativas iniciadas por máximas, em forma de *promítio*.

A maioria dos textos gregos arcaicos que registra a prática das fábulas é escrito em versos, ao contrário, por exemplo, do texto de Heródoto, escrito em prosa, sobre os jônios e os eólicos, os quais receberam de Ciro a proposta de se rebelar contra o domínio lídio e se submeterem aos persas. Pensaríamos, portanto, que a fábula, em seus primórdios, teria sido um gênero composto por versos e esquemas métricos. No entanto, a fábula é por natureza um gênero prosaico, cuja origem é proveniente da fala cotidiana. Se, em muitas obras, as fábulas foram construídas em versos, isso ocorreu, porque foram submetidas ao gênero literário maior que as acolheu, como é o caso, segundo Dezotti, da poesia didática, da tragédia, da comédia, dentre outros. Diante disso, é de suma importância mencionar que a fábula, como gênero autônomo, só passou a existir com o advento, entre os gregos, da prosa como expressão literária, durante o século VI a. C, associada à presença do maior contador de fábulas, Esopo, na Grécia, o qual contribuiu para o enriquecimento da fábula grega ao divulgar fábulas, em terras gregas, recolhidas da Ásia Menor, talvez de Trácia ou Frígia, sua possível terra natal.

Resumidamente, de forma simplificada, podemos arrolar abaixo, em ordem cronológica, as fábulas escritas mais antigas de que temos notícias segundo Ana Thereza Basilio. Vale salientar que algumas dessas fábulas foram inseridas dentro de outra narrativa maior:





Período	Origem	Obra	Fábula/Explicação
VIII e VII a.C.	Hesíodo	Presente na obra <i>Trabalhos e Dias</i>	“O rouxinol e o gavião” – o gavião dá ao rouxinol uma dura lição de força.
VIII a.C.	Arquíloco	-	6 exemplos de fábulas presentes em sua obra.
VIII e VII a.C.	Simônides de Amorgos	-	Duas atestações de fábulas. Utilizou a fábula como ornamento.
Final do sec. VII a.C.	Estícoro	-	-
IV a.C.	Índia	<i>Panchatantra</i> – manual destinado aos príncipes.	Influenciou a literatura asiática e europeia. Os animais são considerados seres humanos disfarçados, com características peculiares. Ex: leão, com seu ar de nobreza.

Já em relação às fábulas egípcias, Ana Thereza afirma que só nos chegou ao conhecimento que Heródoto levou o conto conhecido como *Rhampsinite* do Egito para a Grécia. As fábulas da Assíria são encontradas no *Conto de Ahikar*, possivelmente conhecidas pelos gregos no período alexandrino, mas também posteriores à época dos gregos, assim como as fábulas egípcias. Com isso pode-se considerar que os gregos apresentaram as primeiras formas de expressão desse gênero.

Apesar de Esopo ser considerado o pai das fábulas, atribui-se, de modo geral, a Hesíodo a primeira fábula do Ocidente, inserida na obra *Trabalhos e Dias* (202-212):

Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam. / Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo/ No muito das nuvens levando-o cravado nas garras:/ Ele miserável varado todo por recurvadas garras/ Gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo:/ “Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte;/ Tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor;/ Alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei. / Insensato quem com mais fortes queira medir-se/ De vitória é privado e sofre, além de pernas, vexame.





Esopo, segundo Juan Manuel Terenzi & Telma Scherer (2018), apresenta um conjunto de fábulas que versam sobre os mais diversos animais e árvores. Esopo utilizou-se da transmissão oral como instrumento de longevidade para suas obras. Era conhecido por importantes personalidades da Antiguidade, os quais se referiam a ele como o criador das fábulas, como é o caso de Heródoto, Aristóteles, Platão, Aristófanes e Demócrito.

Heródoto, em *Histórias*, livro II, menciona que Esopo fora escravo de um filósofo chamado Xanto, proveniente de Samos. A mesma fonte informa que sua morte foi violenta, sendo linchado pelo povo de Delfos, provavelmente tendo isso ocorrido devido ao seu sarcasmo. Aristóteles, em *Retórica*, relata que Esopo discursou na Assembleia de Samos defendendo um demagogo. Platão, no diálogo *Fédon*, e Aristófanes, em *As aves* (471), citam seu nome apenas de passagem. Demócrito faz referência à fábula do cão, que carrega entre os dentes um pedaço de carne.

Todas estas referências foram de grande valia para consolidar e tornar ainda mais conhecido o nome de Esopo. Assim como Homero, as fábulas de Esopo eram vinculadas à *paideia* grega, porém, com o tempo, foram mais associadas a seu aspecto moral.

### Fedro e o percurso das fábulas latinas

Segundo Vivian Salema, a fábula inclui-se no gênero Narrativo, podendo ser considerada uma variante do Conto. Inicialmente, na literatura latina, a fábula era considerada, segundo Ana Thereza (2015, p. 15), uma narrativa de pequena extensão, normalmente inserida em uma narrativa maior, tanto na prosa quanto na poesia. Para exemplificar, a autora demonstra que a fábula estava associada ao teatro, sobretudo à comédia, citando o caso de Plauto (comediógrafo do século II a.C.), o qual atesta modelos de narrativas esópicas em algumas de suas peças, como na *Aululária*, II, 228-235:

Euclião: Veio-me ao pensamento, Megadoro, que tu és um homem rico, ativo, e que eu sou um homem pobre, paupérrimo. Agora, se eu casar minha filha contigo, vem-me ao pensamento que tu és um **boi** e eu sou um **burrico**: quando eu me unir a ti, quando eu não puder suportar igualmente o peso, eu, **burro**, ficarei na lama; tu, **boi**, não me olharás mais, como se eu nunca tivesse nascido. E eu te serviria de mais desventurado e a minha classe zombaria de mim. Nem num nem noutra lugar terei um estábulo estável, se houver uma separação; os **asnos** irão me dilacerar a mordidas, os **bois** irão me atacar a cornadas. Este é o grande perigo, se eu passar (da categoria) dos **asnos** aos **bois** [grifo nosso].

Neste curto trecho, notamos que a sátira se utiliza da fábula para ampliar e refinar sua crítica. A fábula aqui aparece, segundo a autora, em meio à discussão entre dois





vizinhos, que tentam fazer um casamento arranjado entre as famílias. O mais pobre teme que essa união não dê certo, pois sabe que é difícil estabelecer qualquer relação duradoura entre forças desiguais. Ele, por ser mais pobre, seria sempre o desfavorecido. O boi representa o poder e a força, o vizinho rico. O burro, em contrapartida, representa o vizinho pobre, subjugado.

Exemplos como este também são mencionados pela autora, como é o caso de Horácio, que critica em sua Sátira III a impossibilidade de uma igualdade de classes sociais distintas, utilizando a figura de uma rã invejosa, que desejava ser tão grande quanto um boi, mas isso nunca seria possível. Ovídio, Cícero e Sêneca também aproveitaram esse tipo de recurso literário para atenderem suas necessidades de narrativa, trazendo lazer e reflexão, no que concordamos com Ana Thereza Basilio (2012, p.15).

Para Alceu Dias Lima (2018, p. 13), a fábula é algo bem mais estruturante e fundamental, diferentemente do que é exposto pela simples afirmação de Hegel: “a essência da fábula consiste em fazer falarem e agirem os animais em lugar dos homens”. O autor, corroborando a ideia antes exposta por Ana Thereza Basilio – sobre a fábula ser uma narrativa menor em uma narrativa maior – chama de “efeito fábula” “toda sequência que, independentemente do texto em que se encontra, evoca, por sua própria forma, a de uma fábula” (2018, p. 13).

Vivian Salema, em seu artigo *O Discurso das Fábulas de Fedro*, defende que as fábulas de Fedro são consideradas surpreendentemente instigantes. A autora afirma que os textos do fabulista visavam educar, difundir ideias e defender princípios morais – tratavam de temas universais, relacionados geralmente aos comportamentos humanos e sociais. O objetivo maior era instruir e entreter a população mais humilde; por esse motivo, a linguagem utilizada nas fábulas era de fácil compreensão, sendo composta por um vocabulário mais popular e habitual, adequado ao seu público. Destarte, por sua característica mais simplista, era reputada como um gênero de menor prestígio em relação, por exemplo, à épica e à lírica, uma vez que ambas exigiam uma linguagem mais rebuscada e apurada.

Não há infelizmente muitas informações a respeito de *Gaius Julius Phaedrus* ou *Phaeder*, porém é de conhecimento geral que Fedro foi um fabulista romano, escravo alforriado pela família do imperador Augusto e que escreveu a primeira coleção de fábulas tipicamente latinas, contendo cinco livros, totalizando cem composições. Segundo Vivian Salema, estes foram compostos por fábulas, pequenas histórias acerca de alguns personagens, como Esopo e Sócrates, e de textos de defesa contra difamadores. Fedro viveu em um período de crise, de opressão e de injustiças durante o reinado de





Tibério (14-37 d.C.) e de Calígula (37-41 d.C.), no qual foram publicadas suas composições. Desta forma, o conteúdo de seus escritos estava relacionado ao contexto político e social em que estava inserido.

Sendo ou não um cidadão romano, alforriado ou não, uma coisa é certa: Fedro teve contato com os clássicos. Isso é justificado, principalmente, por seu envolvimento com Esopo, a quem se dirige como aquele que o inspira. Fedro não se tornou nenhum autor renomado como Virgílio e suas obras não tiveram peso algum na construção da moral romana. Ele é um representante da literatura do período Imperial, o qual destacava em suas obras os problemas político-sociais de seu período.

Segundo Ana Thereza Basilio, o primeiro livro de Fedro foi dedicado a Esopo, considerado seu mentor, por ter sido o primeiro a defender o gênero. Com o passar do tempo, as fábulas de Fedro foram adquirindo características próprias do autor, tornando-se inteiramente novas. Além dos cinco livros, a autora diz que as edições latinas atuais contam com mais de 30 fábulas acrescentadas à coleção. Tal fato deu-se por serem de autoria desconhecida e lembrarem em demasia o estilo das obras de Fedro. Desta feita, as fábulas de Fedro tiveram como base as de Esopo e sua métrica está estruturada, segundo Vivian Salema, em versos iâmbicos senários. A finalidade de suas fábulas visava, portanto, apenas à instrução e ao entretenimento. Terenzi e Scherer (2018) afirmam que Fedro não só dedicou a Esopo seu primeiro livro, como também incorporou Esopo como personagem principal em algumas fábulas.

As fábulas foram elaboradas para um público capaz de compreender e decodificar a mensagem expressa, havendo um tom moralizante, didático, satírico, que costumava atrair a atenção. Isso só foi possível pela veia artística de Fedro, que conseguiu imprimir nas fábulas sua identidade, mesmo que tivesse Esopo como fonte de inspiração. Portanto, as fábulas de Fedro não são meras cópias, mas sim obras importantes, nas quais notamos o caráter ideológico por trás da narrativa.

Ressalte-se que os romanos não viam a imitação como algo negativo e nem recriminavam tal fato, tendo em vista que se apropriavam dos modelos gregos, adaptando-os ao contexto romano, em um movimento que podemos chamar de imitação criadora. No prólogo do livro IV, Fedro afirma que suas fábulas são de cunho esópico, mas não de Esopo, porque o autor romano criou narrativas novas, apropriando-se apenas do estilo do grego, como se evidencia nos seguintes versos:

Porque, Partículo, visto que és cativado pelas fábulas (que nomeio esópicas, não de Esopo, porque aquele mostrou poucas delas e eu apresento diversas, servido de um antigo gênero, mas de assuntos novos), lerás por inteiro o quarto livrinho, quando tiveres tempo.





A escolha do gênero narrativo por Fedro não foi algo aleatório, mas estruturada segundo a tendência literária do autor, o que possibilitou a crítica, e ao mesmo tempo a diversão e o ensinamento. Desde a Grécia, tal gênero serviu de instrumento para relatar os problemas da realidade social, principalmente atinentes aos mais humildes, servos e marginalizados. Fedro fomentou as discussões nas fábulas através da participação de animais como personagens. Uma das peculiaridades inovadoras de Fedro é o relato alegórico de fatos históricos, com enunciações ricas em figuras de linguagem e estratégias metafóricas que registram seu engenho. Além disso, Fedro não só se inspirou no pensamento cínico, mas também no estoico-moralizante.

Conta-se que Fedro foi acusado por Sejano de salientar, em alguns de seus textos, comentários maldosos a respeito de figuras públicas importantes do período de Tibério e, por isso, foi preso. Apesar do fato ter acontecido durante o governo de Tibério, Fedro morreu no reinado de Cláudio, por volta de 44 d. C. Fica evidente, portanto, que o período de Fedro não admitia qualquer tipo de manifestação artística em relação ao descontentamento e às críticas mais severas à injustiça e ao governo.

O gênero narrativo utilizado por Fedro poderia, em um primeiro momento, disfarçar seus alvos de crítica através do uso simbólico dos animais, contudo, Fedro nunca fez questão de se mostrar indiferente às perversidades realizadas pelas classes dominantes de sua época. Assim como Ovídio, Fedro sofreu por não se calar, tendo vivido parte de sua vida sob ameaças de membros da elite dirigente romana.

Fedro e Aviano, segundo Ana Thereza Basilio Viana (2015, p. 17-19), foram os únicos autores da literatura latina que se dedicaram exclusivamente às fábulas com finalidades artísticas. Mesmo de épocas distantes – Fedro, século I d. C., e Aviano, século IV d.C – ambos presenciaram graves problemas políticos. Higino, do século I d. C., foi um outro autor que também trabalhou o gênero, porém, diferentemente de Fedro e Aviano, suas fábulas possuíam um caráter mitológico.

Marco Fábio Quintiliano (séc. I d. C.), orador e professor de retórica romano, atestou, segundo a autora, “o uso das fábulas nas escolas como uma das primeiras formas literárias apresentadas às crianças”. Seu ensinamento, segundo a estudiosa, é demasiadamente rigoroso. As amas costumavam contar às crianças as fábulas de Esopo e os mestres aconselhavam o seu uso para “exercitação escolástica dos alunos no ensino gramatical”:

[...] Aprenderão, assim, a contar com estilo as fábulas de Esopo, que vêm após as fábulas das amas, e que conservam a mesma simplicidade: primeiramente será permitido romper o verso, depois ele será interpretado com outras palavras; e, então, será parafraseado com mais vigor, abreviando-o ou ampliando-o, mas conservando, contudo, o





sentido do poeta. Quem quer que suporte isto aprendendo o trabalho, difícil até para os professores realizados, resistirá a qualquer trabalho. (Quint., Inst. Orat. IX).

O Império Romano vivenciou várias dinâmicas políticas e sociais, as quais afetaram diversas áreas, inclusive a literatura, que passou a sofrer influência crescente do Cristianismo. Tal fato, segundo a autora citada, foi responsável pela fragmentação da literatura latina. Além da literatura de caráter religioso, propagada por grandes figuras, como Tertuliano (século II-III d.C) e posteriormente Santo Agostinho (séculos IV-V d.C), havia uma literatura avessa aos ideais cristãos, ainda pagã. É justamente nesse momento que surge Aviano, em fins do século IV e início do século V d.C., com um livro contendo 42 fábulas. O prefácio do autor é de grande valia para o estudo sobre as fábulas, uma vez que Aviano elenca todos os antecessores, tanto gregos quanto latinos, em quem teria se inspirado para compor sua obra.

Depois do século IV d. C., o gênero foi perdendo força, ficando até mesmo, segundo a autora, esquecido por muito tempo, sendo retomado séculos depois na Idade Média. Nesse período, surgiram inúmeras fábulas anônimas, geralmente encontradas em formato de prosa, muitas delas reproduzindo em partes ou fielmente as já existentes. Uma das coleções citadas por Ana Thereza Basilio (2015, p. 19) é o *Romulus*, no séc. X d.C, contendo cerca de 83 fábulas, sendo quase que a maioria inspirada em Fedro e Aviano. *Romulus* foi uma importante fonte para muitas imitações na Europa. Em 1610, por exemplo, a pesquisadora menciona que surgiu uma edição célebre conhecida como *Anonyme* de Nevelat.

Marie de France (séc. XIII), poetisa francesa que viveu na Inglaterra, utilizou-se de uma versão inglesa do *Romulus* para desenvolver seu livro de 103 fábulas, no qual a caridade é evocada e há um protesto contra as lutas feudais. Também na Idade Média, os *Ysopets* foram formados como coleções do gênero fabulístico. Acredita-se que o *Ysopet* tenha sido composto durante o reinado de Felipe VI (mais ou menos em 1330), e dividido em duas partes: a primeira parte, formada por 64 fábulas de Walter, e a segunda, com cerca de 18 fábulas de Aviano.

O percurso das fábulas latinas não para por aí, continuando seu trajeto em Portugal durante o medievo. José Leite de Vasconcellos reuniu, em 1906, as fábulas constantes de um manuscrito do século XV intitulado *O livro de Esopo*. Tais fábulas foram extraídas de outra coleção intitulada *Romulus uulgaris*, que, por sua vez, provinha do texto em prosa *Romulus primitiuus*, oriundo das fábulas de Fedro. Segundo Ana Thereza, as fábulas portuguesas destinavam-se à edificação moral de seus leitores. Elas serviram





também como inspiração para os *Romans du Renart*, que utilizavam os animais para zombar das instituições e crenças de seu tempo, como, por exemplo, falar sobre as relações entre soberano e vassalo, cavalaria, peregrinação e milagres. Apareceram, concomitantemente a isso, os *Fabliaux*, pequenas histórias de cunho crítico-moral, nas quais o homem obteve um papel de maior relevância em relação aos animais, mostrando seus vícios, desgraças, desastres e situações de zombaria, além de algumas boas qualidades. É importante mencionar que os santos se tornaram personagens importantes em suas narrações, também sendo alvo de críticas.

Nos séculos XV e XVI, com o movimento humanista, houve uma considerável demanda pelos textos clássicos greco-latinos. Sobretudo no século XV, descobrimos alguns autores que se envolveram com o processo de imitação e remodelação das fábulas antigas, sendo os mais conhecidos Nicolas Perrotti, Ranuncio de Arezzo, Lourenço Valla e Abstêmio.

Durante o século XVI, temos conhecimento de alguns poucos fabulistas, como Gabrielle Faerno, cujo patrono de seus trabalhos foi Pio IV, que se dedicou a retificar os erros dos copistas em relação a algumas obras latinas de célebres autores.

Segundo Basilio (2015, p. 20), o gênero em questão voltou a granjear prestígio no século XVII, conhecendo seu apogeu com Jean de La Fontaine. O autor francês, para escrever seu livro, teve acesso a alguns antecessores, principalmente Esopo e Fedro. As fábulas foram escritas entre 1668 e 1679, sendo divididas em 12 livros, nos quais o autor retrata a sociedade de seu tempo, entretanto, permanecendo fiel, de modo geral, às fábulas antigas. Depois de La Fontaine, outros autores utilizaram a fábula com o objetivo de imitá-lo, porém, segundo Ana Thereza Basilio (2015, p. 20-21), nenhum se igualou a ele ou mesmo o superou.

### **Considerações finais**

A educação, tema discutido até os dias atuais, remete-nos a um longo caminho, cuja origem, para o mundo ocidental, tem suas raízes fincadas no berço homérico, terra da cultura, da filosofia, da mitologia e da arte.

Mesmo que houvesse realizações artísticas, religiosas e políticas de povos anteriores, corroboramos a ideia de Werner Jaeger (2013, p.3), o qual acredita que a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar de cultura só começa com os gregos

A importância do legado grego não se limitou a seu arquipélago, muito menos às





águas dos mares Egeu e Jônico, contudo ultrapassou fronteiras, convidando diversos povos e culturas a partilharem de seus ensinamentos. O Império Romano, potente e heterogêneo, é um exemplo de grande receptor cultural. Apesar de sua soberania política e econômica, absorveu da Hélade seu conhecimento filosófico, apropriou-se de seus deuses, mesmo que os colocando em seus moldes, e, sem dúvida, de sua forma de instruir o homem em excelência.

Assim como Homero foi fonte de inspiração para grandes escritores do mundo clássico e posterior, Esopo, pai do gênero fabulístico, tornou-se um importante influenciador de autores posteriores, dentre eles, o romano Fedro. Suas produções visavam entreter, educar, defender princípios morais, que o autor julgava corretos, mas também serviam de críticas para os problemas sociais da época. Apesar da inspiração esópica e de dedicar o primeiro capítulo de sua produção ao grego, Fedro conseguiu imprimir em suas obras sua própria identidade.

Mesmo muito debatido, a educação continua sendo um tema de grande relevância, e, compreender suas origens leva-nos a um entendimento mais aprofundado. É interessante notar que, não só em Fedro, mas também em Aviano, em fabulistas do medievo, em La Fontaine e em outros gêneros literários da atualidade identificamos semelhanças com os textos do fabulista trácio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Carlos Silva de. A recepção da filosofia grega em Roma. In: POMPEU, Ana Maria César; SOUSA, Francisco Edi de Oliveira. **Grécia e Roma no universo de Augusto**. São Paulo; Coimbra: Annablume, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

ALVES, Daniel Figueiras. **A mitologia como recurso educativo em Platão**: o mito de Er como explicitação de um panorama religioso sobre anamnese e a imortalidade da alma. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21333\\_11106.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21333_11106.pdf) Acesso em 20/05/19.

DETIENNE, Marcel. **Os Gregos e Nós**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. **A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

GOÉS, L. P. **Fábula Brasileira ou Fábula Saborosa**. São Paulo: Paulinas, 2005.

JAEGER, Werner. **Paideia**, a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 de E.V.RIEU. São Paulo: Companhia das





Letras, 2013.

LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia**. Trad. de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LIMA, A. D. A. A forma da fábula. **Significação**. Araraquara, v.4, p. 60-9, 1984.

MARINHO, Luciana Antonia Ferreira. **Uma conversa com as fábulas de Fedro**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U, 1975.

MENDES, Norma Musco. Roma e o império: estruturas de poder e colapso de um império antigo. In: SILVA, F. T.; CABRAL, R. P.; MUNHOZ, S.J. **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PLATÃO. **A República**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. 2ª edição. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SALEMA, Vivian de Azevedo Garcia Salema. **O Discurso das Fábulas de Fedro**. Artigo disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/6203>. Acesso em 10/5/2019, p. 3.

SALIS, Viktor D. **Curso sobre Paideia**, parte I, disponível em <https://www.universidadefalada.com.br/catalogsearch/result/?q=Paideia>. Acesso em 14/04/19.

TERENZI, Juan Manuel e SCHERER, Telma. **Sobrevivência e Renovação: Esopo, Fedro e La Fontaine**. Artigo disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p97>. Acesso em 5/10/2019.

VIEIRA, Ana Thereza Basilio. **Fábulas latinas Fedro e Aviano**. Rio de Janeiro: PPGLC/UFRJ, 2015.

